



NOTA ECONÔMICA

1

CNI
Confederação Nacional da Indústria
CNI. A FORÇA DO BRASIL INDÚSTRIA

Indústria brasileira perde competitividade há uma década

A indústria brasileira tornou-se menos competitiva nos últimos 10 anos. A perda de competitividade é retratada pelo crescimento do custo unitário do trabalho em dólares reais (CUT), significativamente acima de nossos principais concorrentes.

Entre 2002 e 2012, o CUT da indústria brasileira acumula um crescimento de 136%, taxa cerca de duas vezes maior que a da Austrália (67%), país com maior crescimento do CUT após o Brasil. O terceiro país com o maior crescimento do CUT registra um aumento de 26%, e sete dos 12 países considerados apresentam redução do CUT no período.

O Custo Unitário do Trabalho em dólares reais - CUT

O CUT é uma medida de competitividade baseada nos determinantes da competitividade. Ele representa o custo com trabalho para se produzir uma unidade de um bem. Quanto maior o CUT, menor tende a ser a competitividade do país.

A competitividade é um conceito relativo, de modo que o importante é a evolução do CUT de um país com relação ao CUT de seus principais concorrentes. Para isso, é necessário mensurar os CUTs em uma mesma unidade monetária, usualmente o dólar norte americano. Nesta Nota Econômica, comparamos a evolução do CUT em dólares reais do Brasil com o de outros 11 países¹.

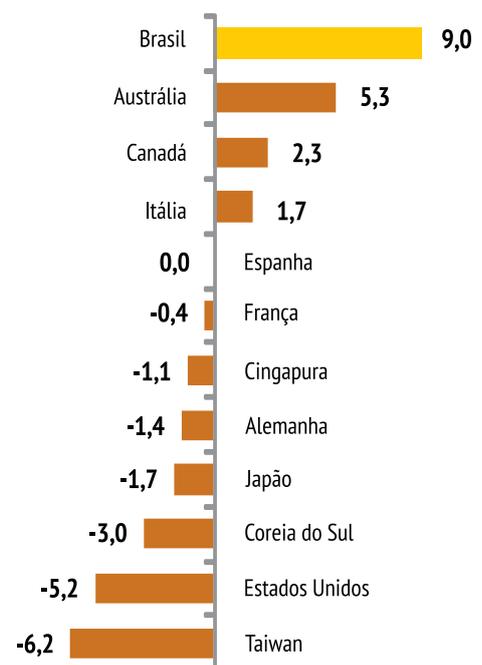
O CUT é influenciado por três fatores: salário, produtividade do trabalho e taxa de câmbio². Um aumento do salário aumenta o CUT, reduzindo a competitividade do país. Trabalhadores mais produtivos geram mais produtos, reduzindo o custo por unidade de produto e aumentando a competitividade. A apreciação da moeda doméstica aumenta o CUT e reduz a competitividade.

¹ No período de 2007 a 2012, o México também é incluído na análise, totalizando para este período 12 países, além do Brasil.

² Veja quadro na página 3.

Custo Unitário do Trabalho em dólares reais - CUT

Taxa anual média de crescimento (%) 2002-2012



Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas do BLS, The Conference Board, OCDE, Banco Mundial, IBGE, BACEN, FGV, INEGI, SINGSTAT, DGBAS e da CNI.

O que está por trás do crescimento do CUT?

De 2002 a 2012, os três fatores – salário, câmbio e produtividade – contribuíram negativamente para a competitividade brasileira. Entre os 12 países considerados, o Brasil registra o menor crescimento da produtividade do trabalho, a maior apreciação cambial real e o segundo maior aumento do salário médio real.

O salário médio real dos trabalhadores industriais brasileiros cresceu a uma taxa média anual de 1,8%, inferior apenas à taxa da Coreia do Sul (2,5% a.a.). A produtividade do trabalhador industrial brasileiro cresceu, em média, 0,6% a.a. e a moeda brasileira apreciou-se a uma taxa anual média de 7,2%. Como resultado, o CUT no Brasil cresceu em média 9,0% a.a., durante os 10 anos considerados.

Componentes do CUT

Taxa anual média de crescimento (%) - 2002-2012



Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas do BLS, The Conference Board, OCDE, Banco Mundial, IBGE, BACEN, FGV, INEGI, SINGSTAT e DGBAS.

A Coreia do Sul registra a maior taxa de crescimento do salário médio real e ainda sofre o impacto negativo adicional de uma apreciação real de sua moeda, ainda que de apenas 0,9% a.a. – a terceira menor dos países considerados. No entanto, o país registra o maior crescimento da produtividade do trabalho (6,7%), de modo que o CUT cai a uma taxa média anual de 3,0%, a terceira maior redução, abaixo apenas dos Estados Unidos e Taiwan.

Taiwan, que apresenta a maior queda do CUT entre 2002 e 2012, registra um desempenho relativo positivo dos três componentes. O salário médio real dos trabalhadores industriais de Taiwan cresce 0,1% a.a., perdendo apenas para os

Estados Unidos, único país com redução do salário médio real: -1% a.a. Diferentemente dos demais países, a moeda taiwanesa deprecia-se, em termos reais, com relação ao dólar norte-americano. A produtividade do trabalho também teve um papel de destaque. O país apresenta a segunda maior taxa de crescimento: 6,2% a.a.

Os Estados Unidos, segunda maior queda do CUT, também foi beneficiado pela depreciação de sua moeda com relação a todas as demais economias (exceto Taiwan) e por uma elevada taxa de crescimento da produtividade do trabalho: 4,4% (a terceira maior, igual à de Cingapura). Ademais, foi o único país que registrou queda no salário médio real.

□ Decompondo o Custo Unitário do Trabalho em dólares reais – CUT

O CUT pode ser decomposto em salário, produtividade e taxa de câmbio, o que permite identificar o principal fator determinante da evolução da competitividade. Desse modo, o CUT em dólares reais pode ser expresso como:

$$CUT_{real}^{US\$} = \underbrace{\frac{w}{P^{dom}}}_{\text{salário médio real}} \times \underbrace{\frac{1}{eP^{US\$}/P^{dom}}}_{\text{inverso da taxa de câmbio real}} \times \underbrace{\frac{1}{Y/H}}_{\text{inverso da produtividade do trabalho}} = \frac{wH}{YeP^{US\$}}$$

Onde: w é o salário médio nominal em moeda doméstica, que inclui além dos salários propriamente ditos, os gastos previdenciários e outros tributos relacionados ao trabalho; e é a taxa de câmbio nominal em moeda doméstica por dólar; P^{dom} é o índice de preço ao produtor da indústria manufatureira doméstica e $P^{US\$}$ é o índice de preço ao produtor da indústria manufatureira dos Estados Unidos; Y é o produto e H o número de horas trabalhadas. A razão Y/H é a produtividade do trabalho (produto por horas trabalhadas); o produto wH é o total do gasto com trabalhadores e a expressão wH/Y é o custo com trabalho por unidade de produto em moeda doméstica.

A evolução dos fatores determinantes do CUT não foi uniforme durante os 10 anos considerados

A apreciação cambial foi o principal determinante do aumento do CUT nos primeiros cinco anos, enquanto o salário médio real o foi nos últimos cinco. Ainda que a produtividade do trabalho não apareça como o principal fator para o crescimento do CUT, ela mostra-se decisiva para o desempenho relativo, ou seja, para a competitividade do país. O Brasil apresentou o pior desempenho da produtividade do trabalho em ambos os períodos.

De 2002 a 2012, a intensidade da apreciação do real é determinante para o aumento do CUT, mas a baixa competitividade não é apenas um efeito do câmbio. Considerando a taxa de câmbio nominal fixa durante todo o período, o crescimento médio anual do CUT brasileiro cai de 9% para 4,7%. Ainda assim, o Brasil permaneceria no topo do *ranking*, mais especificamente na segunda posição entre os maiores aumentos do CUT.

CUT e seus componentes

Indústria de transformação brasileira

	Variação acumulada			Variação média anual		
	2002-2012	2002-2007	2007-2012	2002-2012	2002-2007	2007-2012
CUT	136,0	76,7	33,5	9,0	12,1	6,0
Salário médio real	19,1	-5,0	25,3	1,8	-1,0	4,6
Produtividade do trabalho	6,6	6,9	-0,3	0,6	1,3	-0,1
Taxa de câmbio real	-52,6	-49,7	-5,9	-7,2	-12,8	-1,2

Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas do BLS, IBGE, BACEN, FGV e da CNI.

□ 2002-2007: a apreciação real da moeda brasileira

Entre 2002 e 2007, o salário médio real do trabalhador industrial brasileiro caiu, em média, 1% a.a., contribuindo para uma redução do CUT. O Brasil ocupa a segunda posição, atrás apenas de Cingapura, em termos de contribuição dos salários para a redução do CUT. Nesse período, sete países registraram aumento do salário médio real, ou seja, além de Brasil e Cingapura, apenas Alemanha, Estados Unidos e Taiwan apresentaram redução salarial.

A produtividade do trabalhador industrial brasileiro também contribuiu positivamente para uma redução do CUT. No entanto, diferentemente dos salários, o desempenho brasileiro nesse fator foi o pior entre os países avaliados, de modo que o efeito sobre a competitividade do Brasil foi negativo.

Apesar da redução nos salários e do aumento da produtividade, o Brasil registrou a maior elevação do CUT entre os países considerados no período de 2002 a 2007: 12,1% a.a. Tal desempenho deve-se à apreciação real da moeda brasileira: 12,8% a.a., que equivale a uma apreciação acumulada de quase 50%.

A Coreia do Sul registrou a maior taxa de crescimento do salário médio real entre os 12 países considerados (4,4% a.a.). Ademais, a moeda sul coreana apreciou-se a uma taxa de 4,5% a.a. No entanto, a produtividade do trabalho aumentou em média, 8,3% a.a. (a maior taxa dos 12 países) e praticamente compensou o efeito negativo do salário e da taxa de câmbio. O CUT da indústria sul coreana aumentou a uma taxa de 0,9% a.a., a sétima maior.

CUT e seus componentes

Indústria de transformação

Taxa anual média de crescimento (%) - 2002-2007

País	CUT	Salário médio real	Produtividade do trabalho	Taxa de câmbio real
Brasil	12,1	-1,0	1,3	-12,8
Austrália	7,4	0,3	1,9	-8,4
Canadá	5,8	1,9	1,4	-5,0
Itália	5,6	0,3	1,4	-6,3
Espanha	4,9	0,6	3,0	-6,9
França	2,4	0,2	3,7	-5,6
Coreia do Sul	0,9	4,4	8,3	-4,5
Alemanha	-0,1	-0,2	5,4	-5,2
Cingapura	-1,8	-2,5	3,0	-3,7
Estados Unidos	-6,5	-0,8	6,1	0,0
Japão	-6,6	0,2	5,0	2,2
Taiwan	-7,3	-0,8	7,4	-0,5

Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas do BLS, The Conference Board, OCDE, Banco Mundial, IBGE, BACEN, FGV, INEGI, SINGSTAT, DGBAS e da CNI.

□ 2007-2012: crescimento do salário médio real

Na segunda metade do período estudado, a contribuição do salário médio real para a competitividade da indústria passa a ser negativa. O salário médio real registra um crescimento anual médio de 4,6%, o maior entre os 13 países considerados⁴.

No que diz respeito à produtividade do trabalho, o Brasil continua a ocupar a última posição no *ranking* do crescimento, com o agravante que entre 2007 e 2012 a produtividade caiu. O Brasil foi o único país a registrar queda na produtividade, ainda que em pouca intensidade – uma queda acumulada de 0,3%. Mais uma vez o efeito absoluto sobre o CUT foi pequeno, mas o efeito relativo foi significativo.

A tendência de apreciação da moeda brasileira parece ter chegado ao fim em 2012. Nesse ano, o real se depreciou, em termos reais, com relação ao dólar norte-americano em 14%. Tal movimento, quase que compensou a apreciação acumulada entre 2007 e 2011, sendo que o resultado final do período foi uma apreciação real de 5,9%, o que equivale a uma taxa de apreciação real anual média de 1,2%, a quarta maior entre os 13 países considerados.

O resultado final é um aumento anual médio do CUT no Brasil de 6% a.a. O país com o segundo maior crescimento do CUT no período foi o Japão com uma taxa de 3,4% a.a., seguido pela Austrália, com 3,2% a.a. Todos os outros países registraram queda no CUT, sendo que Coreia do Sul apresentou a maior queda (6,8% a.a.), seguida por Taiwan (5,2% a.a.) e Espanha (4,8%).

O México aparece na quarta posição entre os países com maior ganho de competitividade, resultado da redução do salário médio real, do aumento da produtividade e da depreciação real de sua moeda com relação ao dólar norte-americano.

Quanto à competitividade brasileira, os três fatores contribuíram para a queda verificada nesses últimos cinco anos, mas foi o salário médio real o principal determinante do crescimento do CUT. No entanto, mais uma vez, não se deve minimizar o papel da produtividade.

Em Cingapura, por exemplo, o salário médio real cresceu, em média, 3,8% a.a. Essa é a segunda maior taxa de crescimento do salário, abaixo apenas da brasileira. O dólar de Cingapura registra, entre 2007 e 2012, uma apreciação real com relação ao dólar norte-americano de 1,4% a.a., pouco acima da brasileira. Não obstante, a produtividade do trabalho cresceu 5,9% a.a., a maior taxa entre os 13 países, resultando em uma redução média anual do CUT de Cingapura de 0,5% a.a.

CUT e seus componentes

Indústria de transformação

Taxa anual média de crescimento (%) - 2007-2012

País	CUT	Salário médio real	Produtividade do trabalho	Taxa de câmbio real
Brasil	6,0	4,6	-0,1	-1,2
Japão	3,4	0,6	1,2	-3,9
Austrália	3,2	1,5	0,6	-2,3
Cingapura	-0,5	3,8	5,9	-1,4
Canadá	-1,0	-0,3	0,8	0,0
Itália	-2,1	0,9	0,2	2,8
Alemanha	-2,8	0,8	0,5	3,2
França	-3,2	0,7	0,8	3,1
Estados Unidos	-3,8	-1,3	2,7	0,0
México	-4,1	-1,6	1,4	1,2
Espanha	-4,8	0,2	3,1	2,1
Taiwan	-5,2	1,0	4,9	1,5
Coreia do Sul	-6,8	0,7	5,1	2,9

Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas do BLS, The Conference Board, OCDE, Banco Mundial, IBGE, BACEN, FGV, INEGI, SINGSTAT, DGBAS e da CNI.

⁴ Entre 2007 e 2012, o México também foi incluído na análise, elevando o número de países considerados para 13.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil apresenta o pior desempenho quanto à evolução da competitividade da indústria, no período 2002 a 2012, entre os países considerados. O país registra a maior taxa de crescimento do custo unitário do trabalho em dólares reais (CUT). Esse resultado deve-se ao baixo crescimento da produtividade, ao crescimento do salário médio real e à apreciação do real.

Nos primeiros cinco anos do período estudado, a apreciação cambial respondeu pela maior parcela do crescimento do CUT. No segundo período, esse papel coube ao salário médio real. Não obstante, a importância da produtividade não pode passar despercebida. O desempenho comparativo nesse quesito foi o pior nos dois períodos. O Brasil registrou o menor crescimento da produtividade em ambos os períodos, sendo que no segundo, foi o único país a registrar redução.

A combinação de baixa produtividade e de elevados custos sistêmicos é fatal. A perda de competitividade resulta em baixo crescimento e maiores dificuldades para as empresas brasileiras. A redução da confiança do empresário é uma das consequências, o que leva à queda do investimento. Assim, um círculo vicioso é gerado, uma vez que o aumento da produtividade depende do aumento do investimento.

Com a estagnação da produtividade não há futuro para a indústria brasileira. O País não tem mais como crescer baseado apenas no aumento do emprego. A reversão do processo atual passa pela redução dos custos sistêmicos, que refletirá positivamente na confiança dos empresários e, conseqüentemente, no investimento.

A retomada do investimento é essencial, tanto para o aumento imediato da produção – o que aumentará ainda mais a confiança – como para o aumento da produtividade, decorrente da introdução de novas tecnologias.

